



História da Extração de Diamantes na Bacia do Rio Tibagi

Antonio Liccardo – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Luiz Antônio Chierregati – CPRM-PR

Jefferson Picanço - UNICAMP

Século XVIII

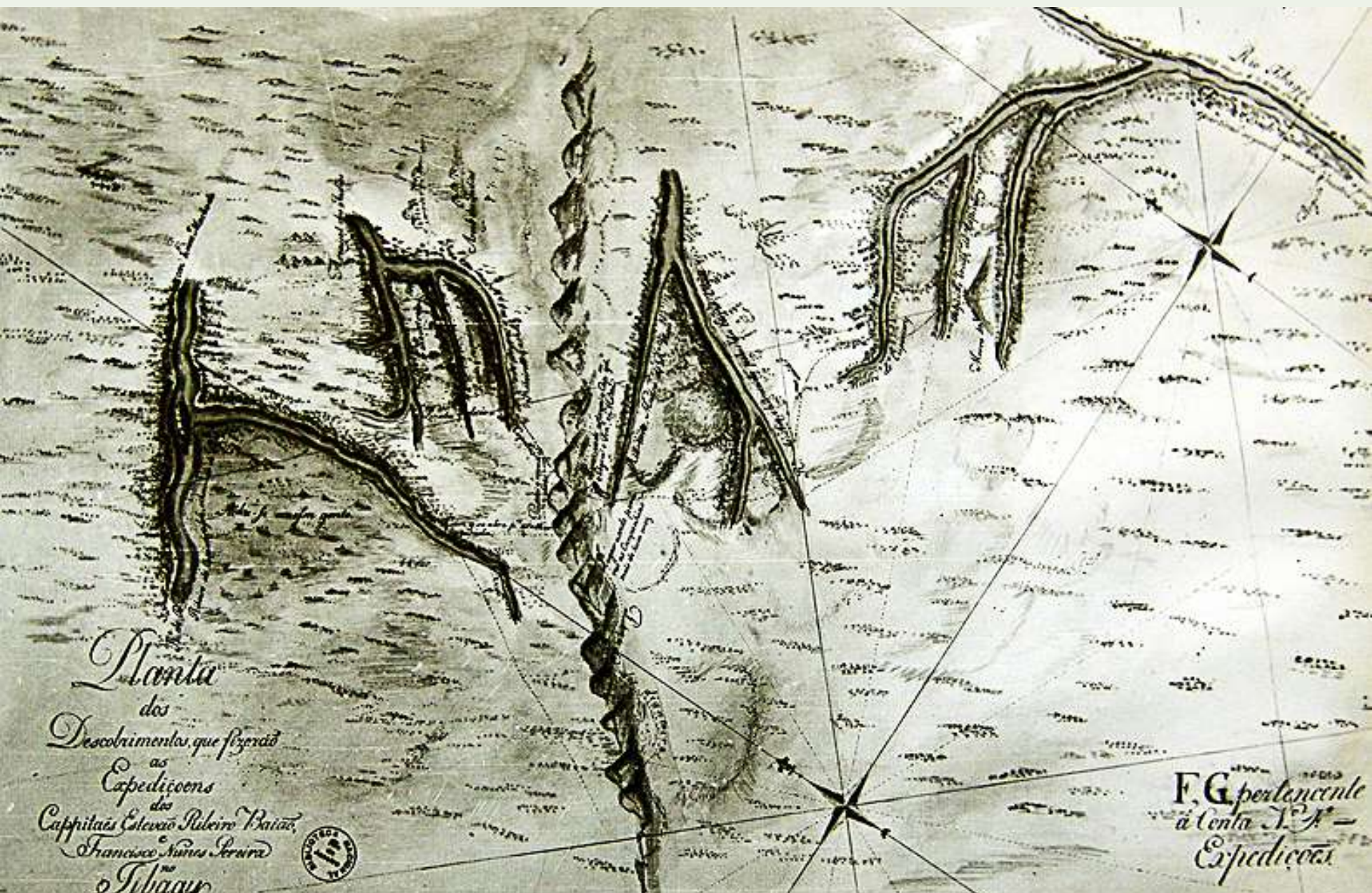
O primeiro registro escrito sobre a presença de diamante nesta região é de **1754**, quando um escravo de **Ângelo Pedroso Lima**, de nome Anselmo, faiscando os córregos se depara com uma “*pedra cristalina e lustrosa*” (sic) que foi colocada na coroa de Nossa Senhora da Penha e posteriormente entregue ao governador da vila de Santos, Inácio Elói de Madureira (Lopes, 2002).

Em Diamantina, MG,
atribui-se o primeiro
achado ao ano de
1724



Sertões do Tibagy - 1746

“Planta dos Descobrimentos que Fizerão as Expedições dos
Capitães Estevão Ribeiro Baião e Francisco Nunes Pereira do Tibagy
anno de 1746” – Fonte Boletim do Arquivo Municipal de Curytiba





A presença de
ouro na região é
conhecida desde

1720

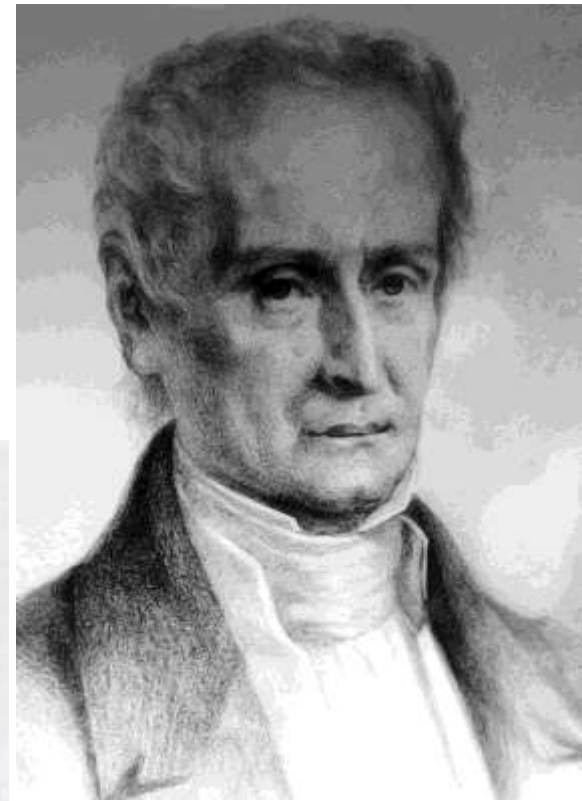
Declarações de registro de ouro em 1725 dão conta de 12 oitavas (46g) extraídas por Ângelo Pedrosa Lima

Mapa da região dos “Sertões de Tibagy e Campos de Guarapuava”, de **1755**, indicando as ocorrências de ouro nos córregos e rios. Cartografia de Manuel Ângelo Figueira Aguiar, sob encomenda de **Ângelo Pedroso Lima**, morador e minerador no Tibagi e **descobridor do primeiro diamante**.

Século XIX

Em **1802**, **Martim Francisco** (irmão de José Bonifácio) esteve na região em expedição científica e publicou relatório detalhado.

Estudou os córregos Monjolo, Faisqueira, Fortaleza, São Domingos, Santa Rosa, Borges e quase todos os braços do Tibagi em ambas as margens.



, “...uns **cor de aguardente do reino**, outros brancos, cor de prata, e alguns cor de aços cristais brancos e amarelos de ouro...”.

O mineralogista especula, ainda, sobre as fontes deste mineral: “...os **diamantes** foram achados em caldeirões tendo sido transportados pelas águas que com as grandes chuvas, rasgando as formações **poudinguiças**, lavaram-nas e consigo os trouxeram.

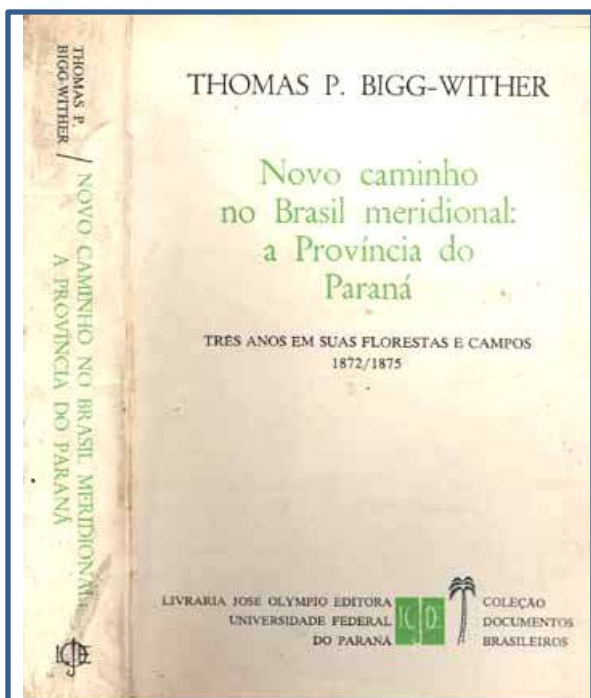
puddingstone – conglomerado!

Abertura dos portos e naturalistas europeus - 1808

Auguste **Saint-Hilaire** (1819) menciona a existência de contrabando de diamantes neste território.

Eschwege (1833) cita o rio Tibagi como o mais rico da região.

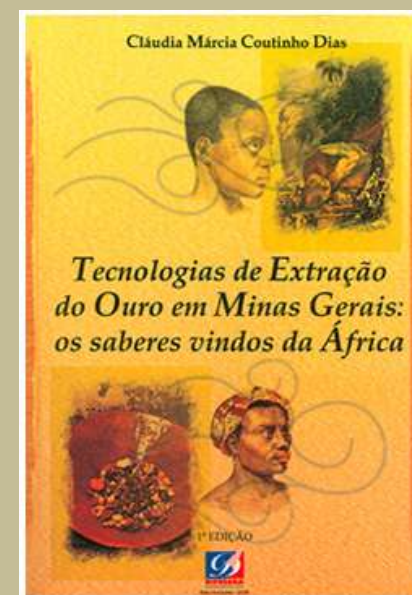
O engenheiro inglês **Bigg-Whiter** (1878) em sua passagem pelo Paraná apontou o recrutamento forçado de homens para a Guerra do Paraguai (1864-1870) como um fator crítico para a mineração na região sul.



...troca de um escravo ao preço de 100 libras por uma xícara de diamantes. Thomas Bigg-Whiter (1878)



Eschwege admite em seus livros que a contribuição dos negros foi fundamental para a mineração no Brasil no início do século XVIII



Comissão Geológica do Brasil - Charles Hartt – 1875

Hartt (1875) menciona o diamante do Tibagi em seus levantamentos.

Derby (1878) publica o primeiro estudo detalhado sobre a geologia da província diamantífera do Paraná.



Orville Derby



Para Derby a origem dos diamantes era o *grés devoniano* da Formação Furnas



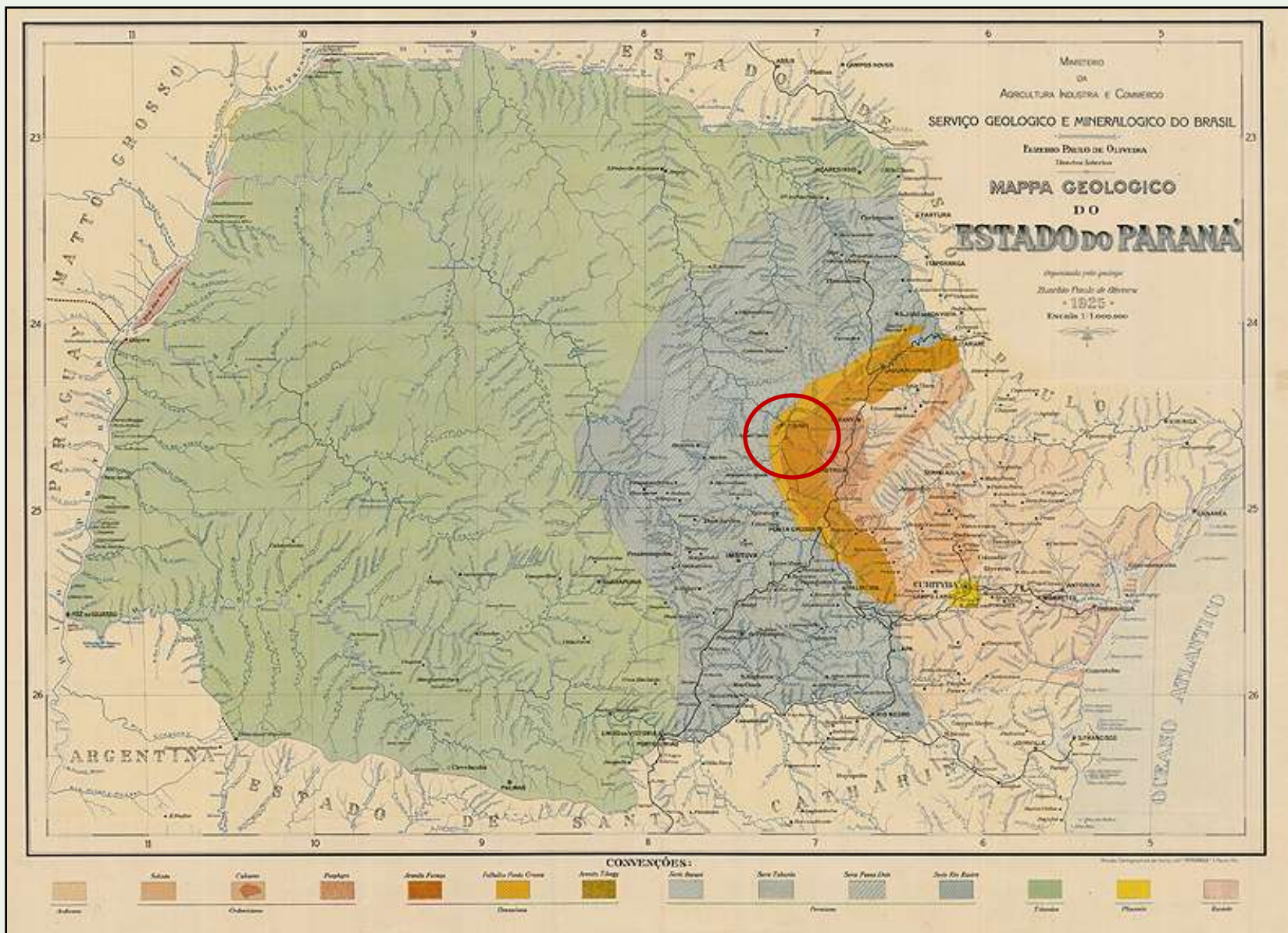
Século XX – primeira metade

Por volta de **1912**, os garimpos que se encontravam em quase abandono começam a receber afluência de garimpeiros de Minas Gerais e Bahia.



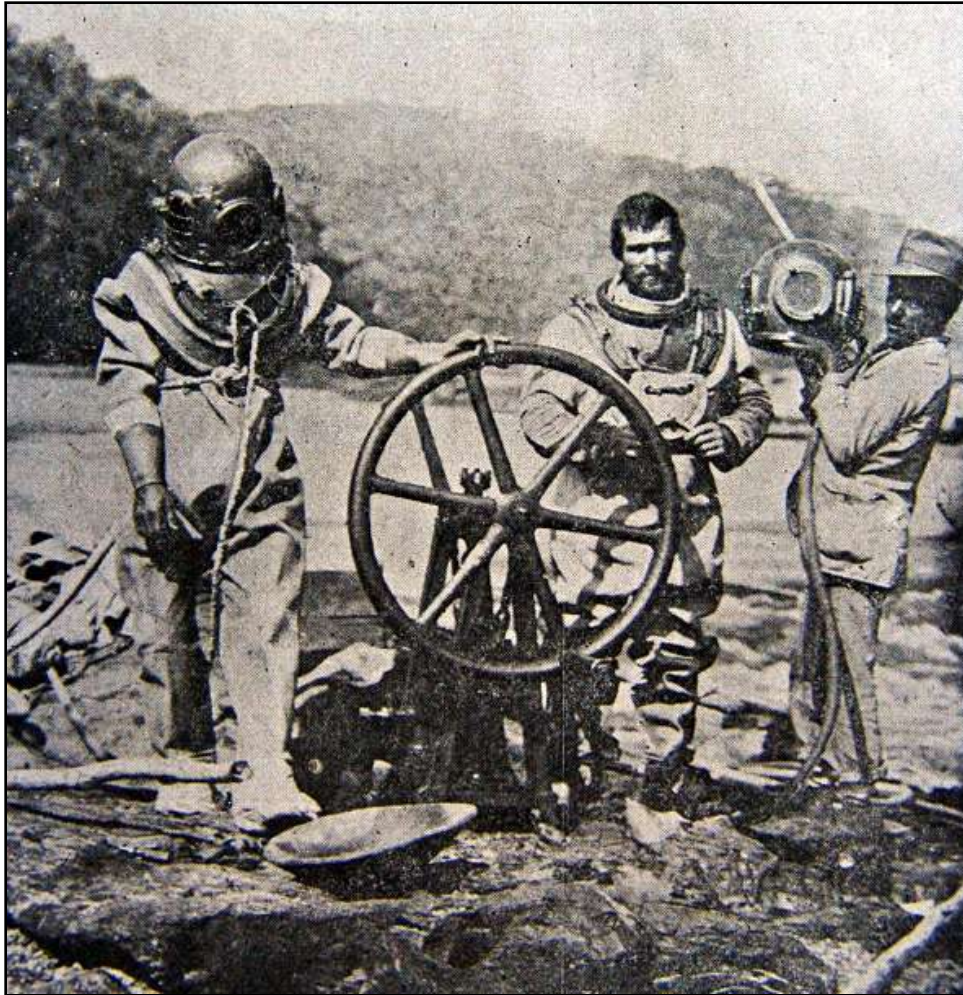
Levantamentos de Francisco Negrão, 1929



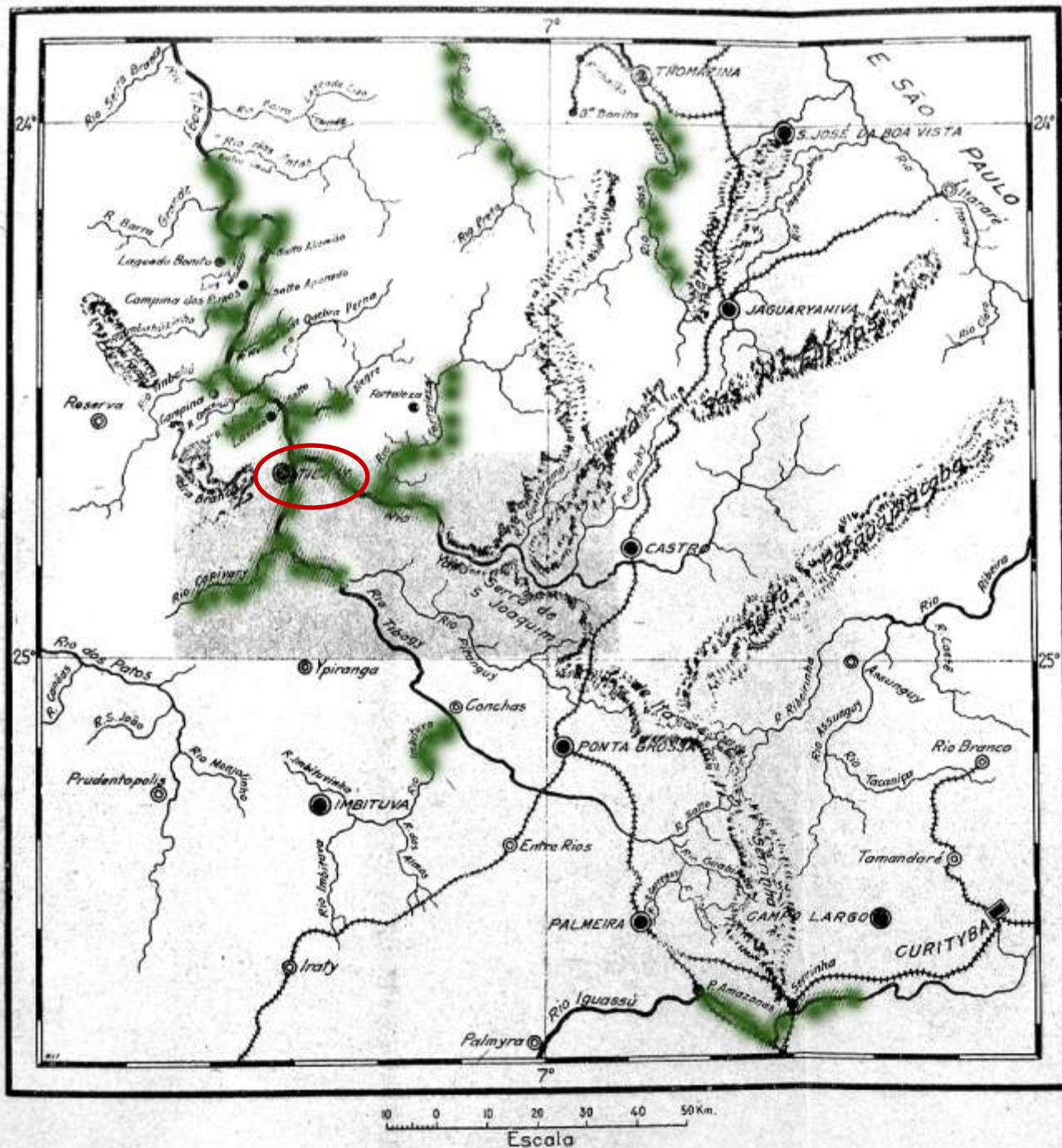


Eusébio Oliveira (1925) no detalhamento do **primeiro mapa geológico do Paraná** escreveu sobre o diamante, Bastos (1936) e Abel Oliveira (1937) o relataram minuciosamente para o Serviço Geológico Mineralógico.

Victor Oppenheim (1936), do antigo Serviço de Fomento da Produção Mineral, descreve os garimpos, enumera 60 ocorrências e discorre sobre a geologia e possível gênese deste mineral, contrapondo-se às idéias sugeridas por Derby e associando a dispersão de diamantes aos “**sedimentos glaciais, conglomeráticos do Permiano inferior**”.



Machina de escanphandrista no rio Tibagy.



A CAÇA AO DIAMANTE

Uma industria que resurge

Viajando continuamente através do Estado, tivemos d'uma feita occasião de chegar ao Tibagy, o vasto e prospero municipio do oeste paranaense e como na occasião o thema predilecto de todas as conversações na cidade fosse a captação de diamantes no rio Tibagy, resolvemos, justamente tangidos pela curiosidade, ir até ao local onde se procedia aos trabalhos de apanha do precioso mineral.

Ficava distante 12 leguas da cidade. Ao chegarmos nos recebeu o engenheiro Guilhobel, director da companhia de mineração diamantífera, promptificando-se a nos prestar todas as informações e a nos mostrar o trabalho em todas as suas phases e operações.

Precisamente no momento em que chegamos ao local varios escaphandristas operavam. E mais de 300 pessoas entre homens, mulheres e crianças se empenhavam no trabalho.

Os nossos sertanejos, atrahidos já pela perspectiva de grandes lucros, abandonavam a lavoura e vinham para as barracas do Tibagy trabalhar na mineração.

As barracas armadas ás margens do caudaloso rio, offerciam em conjunto o aspecto das cidades nomades que enxameiaram na California no tempo da descoberta dos filões auríferos e mais modernamente no Alaska e no Acre brasileiro, quando o ouro e a borracha, pela abundancia, excitavam a cobiça de innumerous forasteiros.

Lá encontramos cerca de 150 bahianos, trabalhando de par com os nossos sertanejos.



Captação de diamantes no rio Tibagy, vendo-se os escaphandristas e aparelhos.



Garimpeiros lavando os cascalhos em bateias, vendo-se, em pé, á direita o dr. Guilhobel e, sentado, á esquerda o sr. Augusto Santos.

A tarefa é deveras interessante: ora mergulhando, ora a agir com o escaphandro, os trabalhadores arrancam ao leito do rio as pedras preciosas, mas informes no seu estado bruto e que só a lapidação converte em astros faiscantes.

As areias do alvéo do Tibagy não occultam somente o diamante, tambem alli existindo o topasio, a esmeralda, o ouro e outros mineraes.

O Tibagy é a terra da Promissão, porque não só nas suas entranhas se encontram magicos thesouros: na superficie, n'essas immensas florestas de causar admiração, a flora e a fauna se casam n'uma admiravel harmonia que evoca os «Quadros da Natureza», de Humboldt, ou as



O **Museu do Garimpo** mantém preservada boa parte da memória da extração do diamante ao longo do século XX, inclusive com os equipamentos de mergulho utilizados na época

Notícias da década de 30 sobre os diamantes de Tibagi relatam o **grande surto** de garimpagem com o início do uso de **escafandros**.

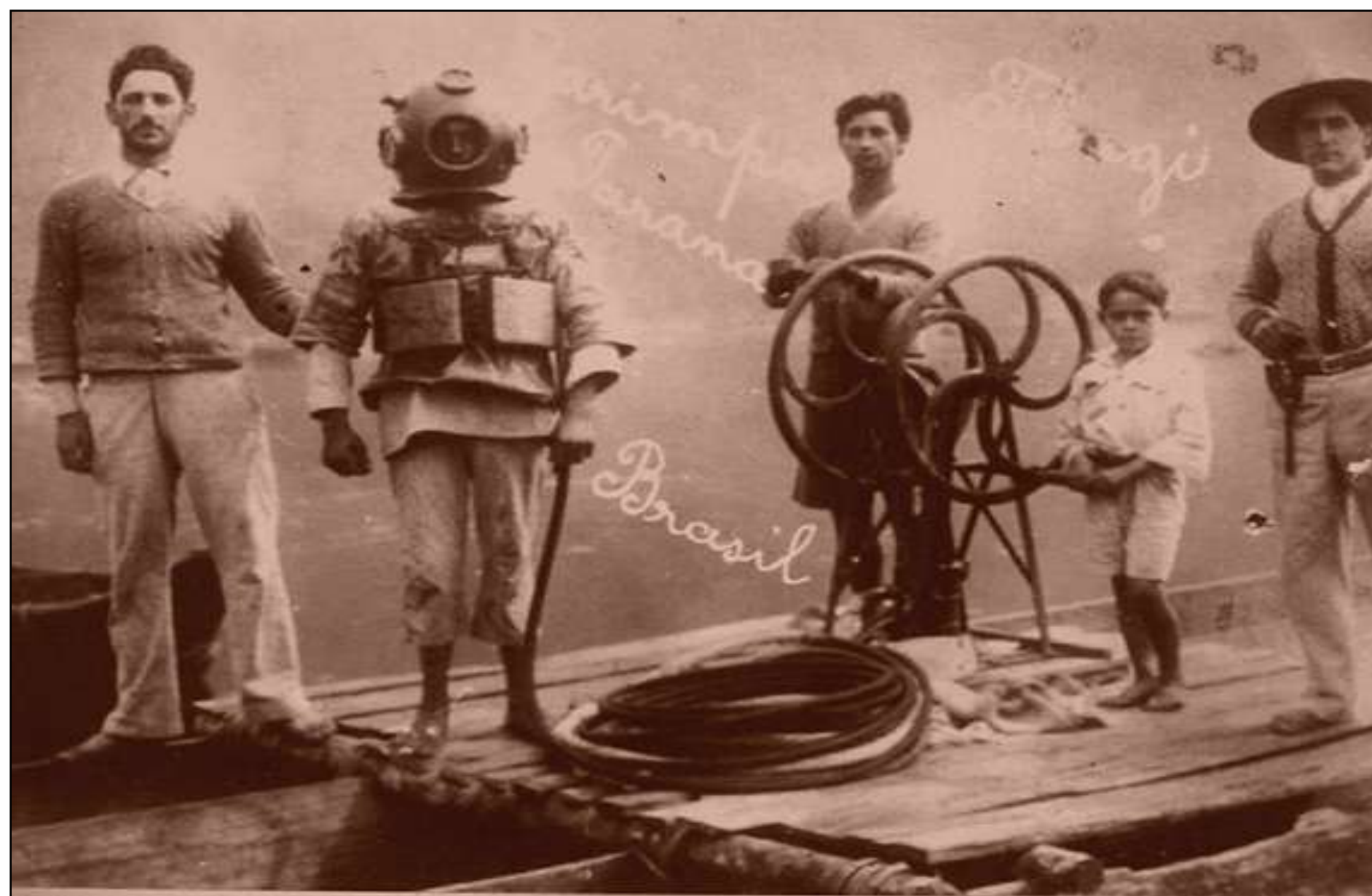


Imagem de mergulhadores da década de 30 em busca de diamantes
Fonte Museu de Tibagi

Século XX – segunda metade

Maack (1968) publica uma comunicação sumária em que afirma ter extraído diamante das rochas glaciais da região

Svisero (1979) analisou a mineralogia e as inclusões destes diamantes.

Chierigati (1989), em dissertação de mestrado, realizou o mais completo panorama sobre a geologia dos depósitos.

Perdoncini (1997) discute a possível fonte dos diamantes no Grupo Itararé.

Na década de 1980, um novo surto de mineração ocorreu no Tibagi e a **Mineropar** implantou um grande projeto de pesquisa e prospecção na região, incluindo uma lavra em **Campina dos Pupos**.

Na década de 30, mais de três mil homens vasculharam o leito do Tibagi em busca de diamantes. Nunca se soube quanto foi encontrado. Atualmente, o garimpo na região é feito por cerca de 20 homens que semanalmente encontram pedras de meio a 1 quilate, que saem do Paraná a um preço irrisório.

Os diamantes do Tibagi

Reportagem de Rosemeiry Tardivo



Foto: Júlia Cordeiro



O Paraná nunca conseguiu detectar quanto perdeu em divisas com pedras preciosas retiradas por milhares de garimpeiros que por aqui passaram na esperança de enriquecer. O que restou do grande movimento são 20 homens que até hoje vivem às margens do rio Tibagi peneirando cascalhos e procurando um bamburú.



Garimpeiros escavandistas que vasculhavam o leito do rio Tibagi, numa localidade

próxima ao município de Telêmaco Borba, conseguiram chegar ao Poço do Assombro, uma incrível ocorrência que registrou produção de até 1 litro de diamantes por semana. Em 1936 essa notícia saiu do Paraná e corria todo Brasil. Verdade ou não, até hoje nada ficou provado, mas o fato é que mais de 3 mil homens, principalmente baianos, foram atraídos para o Tibagi e passaram quase 10 anos garimpando entre Barra do rio Pitagui e Salto Mauá, município de Tibagi e distrito de Lajeado Bonito. O diamante paranaense é branco, limpo, ideal para indústria de joias. Os tipos de pedras mais caras do mundo.

Nunca se soube até onde essas notícias eram verdadeiras, assim como o Paraná nunca conseguiu detectar quanto perdeu em divisas com pedras preciosas retiradas pelos milhares de garimpeiros que por aqui baixaram na esperança de enriquecer. O que restou do auge dos diamantes do Paraná são cerca de 20 homens que até hoje vivem às margens do rio Tibagi, peneirando cascalhos e procurando um "bamburú" - que pode ser uma grande pedra ou uma rica ocorrência.

CONTRABANDO

Não se teve mais notícias de ocorrências fabulosas na região. A maior pedra retirada do território paranaense até hoje, pelo que se sabe, foi na Campina dos Pupos, município

de Tibagi, com 115 quilates. Mas os garimpeiros que restaram na região, especialmente na ilha dos Cavalos, município de Ortigueira, continuam a encontrar pedras. Pelo menos um diamante pequeno - de meio a 1 quilate - é levado semanalmente do Paraná para Franca, no Estado de São Paulo, onde se concentram os maiores lapidários do país. Os garimpeiros entregam seus diamantes para os "Faisqueiros", por menos de Cr\$ 10 mil. Essa pedra é revendida mais tarde por um preço até 500 por cento mais caro.

"O Paraná nunca recebeu um centavo em impostos pela comercialização dessas pedras", observa o geólogo Lélito Tadeu Reis, do Projeto Diamantes da Mineração do Paraná - Mineropar. O trabalho dos garimpeiros é até hoje totalmente rudimentar: o trabalho na ilha dos Cavalos, por exemplo, é em depósitos secos - perto do rio - cujos cascalhos têm de ser, depois de retirados, levados até o rio para a lavagem e verificação da existência de alguma pedra. "É um sacrifício muito grande", constata Lélito Reis.

RACIONALIZAR

Essa semana a Mineropar vai dar início ao primeiro trabalho de pesquisa racional naquela área visando primeiro dimensionar o volume real do cascalho e depois fazer a cubagem para detectar a dimensão e o teor de diamantes por metros cúbicos quadrados. A pesquisa vai se desenvolver numa área de 1 quilômetro por 80 metros, à margem do rio Tibagi,

município de Ortigueira, perto da ilha dos Cavalos. Paralelamente será feita uma campanha de minerais pesados na folha topográfica de Telêmaco Borba, visando localizar possíveis Kimberlitos, fonte geradora de diamantes.

"A Mineropar está trabalhando há um ano na região. Sabemos que existe diamante porque existem cascalhos, um mineral de granulometria maior que normalmente protege diamantes no leito do rio. A expectativa é muito grande". O diretor técnico da Mineropar, Elmar Trein, diz que como subproduto da lavra de diamantes será retirado ouro.

"Os garimpeiros que trabalham na área são supersticiosos e jogam fora o ouro que aparece nas peneiras", conta Elmar Trein. "Acham que dá azar a garimpador de diamante vender ouro".

Os trabalhos da Mineropar vão ser executados com o "jig", um equipamento capaz de lavar 2,5 metros cúbicos por hora de cascalhos, o que significa o trabalho de 40 homens. "Nós vamos utilizar também um equipamento manual - jogos de peneiras com capacidade maior - que depois passaremos aos garimpeiros da região. A Mineropar pretende, com isso, racionalizar e disciplinar a exploração do diamante, embora a lavra da área a ser pesquisada dependa da viabilidade econômica que demonstrar o projeto.

A única prospecção racional realizada atualmente no Paraná é feita pela Klabin, que faz lavra legalizada em terrenos próprios, na margem esquerda do Tibagi no município de Telêmaco Borba. Além do Tibagi, é região diamantífera o rio das Cinzas, rio dos Peixes e um trecho do rio Iguaçu.

Lélito Tadeu Reis: "O Paraná nunca recebeu um centavo em impostos pela comercialização destas pedras".

Elmar Trein: "A expectativa da Mineropar é muito grande".



Projeto Diamante da Mineropar na década de 80.
Vista do fundo do rio Tibagi, quando a água foi desviada.

O diamante recuperado da bacia do Rio Tibagi

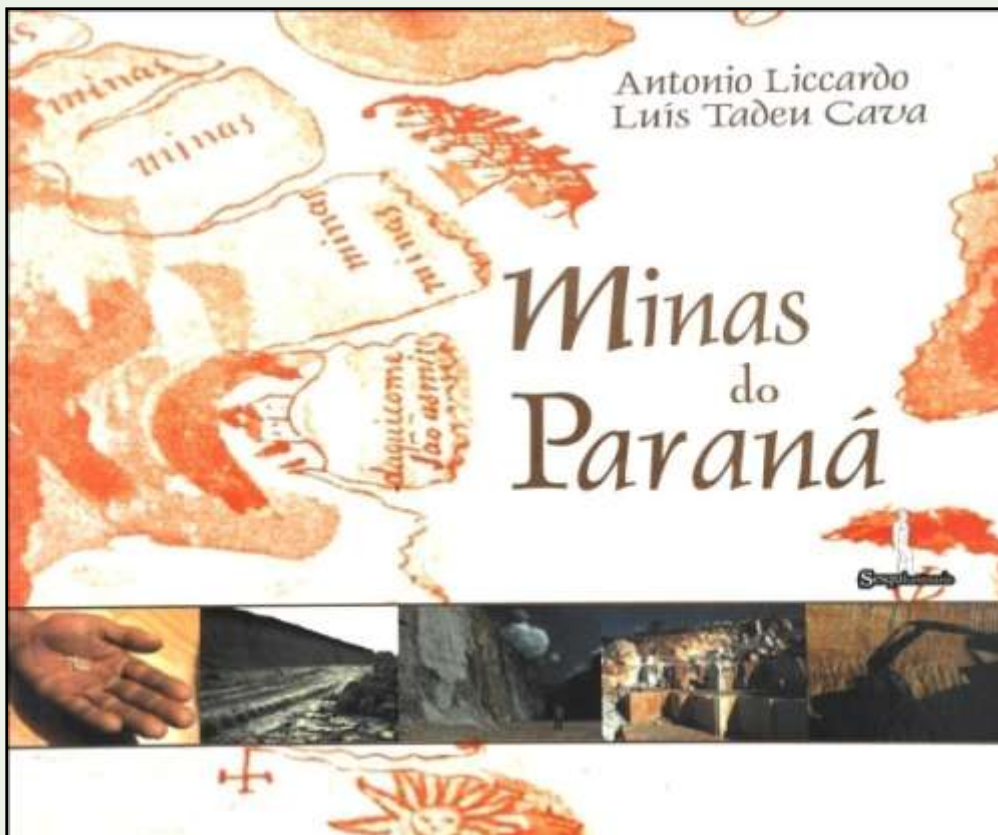


Século XXI

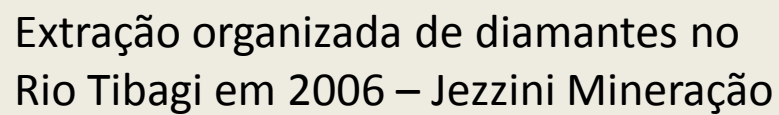
Em 2005-2006 houve uma retomada na produção, com dezenas de dragas atuando ao longo do rio, entre Tibagi e Telêmaco Borba.



Balsas instaladas próximo a armadilhas naturais no Rio Tibagi que concentram cascalhos diamantíferos.



Em 2006 a Mineropar editou um histórico da mineração no Paraná, onde os diamantes receberam papel destacado (Liccardo & Cava, 2006).



Irregularidades legais na mineração e a crise econômica internacional em **2009** levaram a um novo período de **retração**, situação que parece perdurar até o momento.



Períodos de grande produtividade intercalados com períodos de grande recessão, somados ao desconhecimento da origem geológica parecem ser a tônica na história de extração de diamantes em Tibagi.



Por 140 anos (1725 a 1845) o Brasil foi o maior produtor do mundo de diamantes.

Oficialmente a produção vinha somente de Diamantina, onde havia um rígido controle fiscal.

É fato que em Tibagi já existia produção neste período e, possivelmente alguns dos diamantes usados em coroas na Europa do século XVIII podem ter vindo destes garimpos.

Referências

- ANDRADA, M. F. R. (1847). *Diário de uma Viagem Mineralógica pela Província de S. Paulo no Anno de 1805*. Revista do IHGSP, Tomo IX, pp. 527–548.
- BASTOS, A.A. (1936) Exploração do rio Tibagi. In: Brasil, Serviço Geológico e Mineralógico, Rel. Anual da Diretoria, Rio de Janeiro, 148 pp, 53-62.
- BIGG-WHITHER, T.P. (1878) Novo Caminho no Brasil Meridional: a Província do Paraná (três anos em suas florestas e campos) - 1872-1875. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1974, 420 pp.
- CHIEREGATI, L.A (1989) Aspectos mineralógicos, genéticos e econômicos das ocorrências diamantíferas da região NE do Paraná e sul de São Paulo. Diss. Mestr. IG-USP, 180 pp.
- DERBY, O A (1878) A Geologia da Região Diamantífera da Província do Paraná. Arch. Mus. Nac., 3:89-98, Rio de Janeiro.
- ESCHWEGE, W.L. (1833) Pluto Brasiliensis. São Paulo/Belo Horizonte, Edusp/Itatiaia, 1979, vol 2, 210 pp.
- HARTT, C.F. (1870) Geology and Physical Geography of Brazil. R. Krieger, Huntington, 620 pp, 1975.
- LICCARDO A. & CAVA L.T. (2006) Minas do Paraná. Imprensa Oficial. Curitiba: Sesquicentenário, 2006. 165 pp.
- LOPES J.C.V. (2002) Introdução à História de Tibagi. Acad. Paranaense de Letras, 198 pp.
- MAACK, R. (1968) Diamante no tilito de Tibagi, Paraná. Anais da Academia Brasileira de ciências, v 40, p.96, 1968. (suplemento).
- MERCER E. A. & MERCER, L. L. (1934) História de Tibagi. Gráfica Linarth, Curitiba. 196 pp.
- OLIVEIRA, E.P. (1927) Geologia e Recursos Minerais do estado do Paraná. Monografia - SGM, Rio de Janeiro, no 6.
- OLIVEIRA, A. P. (1937) Contribuição à geologia do município de Tibagi. In: Brasil, Serviço Geológico e Mineralógico, Rel. Anual da Diretoria, Rio de Janeiro, 148 pp, 62-71.
- OPPENHEIM, V. (1936) Sedimentos diamantíferos do Paraná. DNPM/SFPM, Rio de Janeiro, avulso no 9, 14 pp.
- PERDONCINI, L.C. (1997) Diamantes do rio Tibagi: fonte no grupo Itararé?. Diss. Mestr. DEGEO-UFPR, 138 p.
- SAINT-HILAIRE (1819) Viagem a Curitiba e Província de Santa Catarina. Ed. Itatiaia, São Paulo, 1978. 209 pp.
- SVISERO, D (1979) Inclusões Minerais e Gênese do Diamante do rio Tibagi, Paraná. In: Simp. Reg. Geol., 2, Rio Claro, 1979. Atas. Rio Claro, SBG, 2:169-180.